



## DEVIR HISTÓRICO E DEVIR ÔNTICO: SOBRE A QUESTÃO EXISTENCIAL E O SENTIDO DA VIDA NA VISÃO DE ANTONIO MENEGHETTI E VIKTOR FRANKL

Patrícia Wazlawick<sup>1</sup>

**Resumo:** Verificando que existem resultados educacionais, psicológicos, técnicos, profissionais, acadêmicos, e acima de tudo, pessoais e existenciais para um grupo de 49 jovens estudantes do ensino superior universitário, a partir da realização de uma pesquisa configurada como estudo de caso, exploratória e empírica, de abordagem quantitativo-qualitativa, em três cursos de graduação em uma faculdade privada localizada em município de pequeno porte do Rio Grande do Sul, decidiu-se, por meio desta, estudar teoricamente a relação entre o devir histórico e o devir ôntico construindo um amálgama entre os dois constructos teóricos nos aspectos da questão existencial e o sentido da vida a partir das obras de dois estudiosos: Antonio Meneghetti e Viktor Frankl. Este artigo, sendo uma pesquisa teórica, a partir da pesquisa empírica citada, realiza, portanto, uma discussão sobre o sentido da vida na visão dos dois autores acima citados, na busca de aprofundar a fundamentação teórica sobre esta temática, bem como tecer um diálogo entre aspectos da teoria ontopsicológica e a psicologia do sentido da vida (Logoterapia).

**Palavras-chave:** Devir histórico; Devir ôntico; Sentido da vida; Antonio Meneghetti; Viktor Frankl.

### **Historical development and becoming ontic: on the existential question and the meaning of life in view of Antonio Meneghetti and Viktor Frankl**

**Abstract:** Noting that there are educational outcomes, psychological, technical, professional, academic, and above all, personal and existential for a group of 49 young students of the university education, from conducting a search set up as a case study, exploratory and empirical, quantitative and qualitative approach, in three undergraduate courses at a private college located in a small city of the Rio Grande do Sul, it was decided, by this theoretically study the relationship between the historical development and the becoming ontic building a amalgamate the two theoretical constructs in aspects of existential question and the meaning of life from the works of two scholars: Antonio Meneghetti and Viktor Frankl. This article, with a theoretical research from the cited empirical research, conducts, so a discussion of the meaning of life in view of the two authors

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia (UFSC); Mestre em Psicologia (UFSC); Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia (Saint Petersburg State University, Rússia); Especialista em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico (AMF); Graduada em Musicoterapia (FAP-PR). Professora universitária de graduação e pós-graduação (AMF); Gestora Administrativo-Financeira e Coordenadora do Bacharelado em Ontopsicologia (AMF).

cited above, in an effort to broaden the theoretical framework of this subject, and weave a dialogue between aspects of ontopsychological theory and the meaning of life psychology (Logotherapy).

**Keywords:** Historical development; Becoming ontic; Meaning of life; Antonio Meneghetti; Viktor Frankl.

**Resúmen:** Al ver que existen resultados educativos, psicológicos, técnicos, profesionales, académicos, y sobre todo, personales y existenciales para un grupo de 49 jóvenes estudiantes de enseñanza superior universitaria, a partir de la realización de una investigación configurada como estudio de caso, exploratoria y empírica, de abordaje cuantitativo-cualitativo, en tres cursos de graduación en una facultad privada ubicada en municipio de pequeño porte de Rio Grande do Sul, se decidió, por medio de ésta, estudiar teóricamente la relación entre el devenir histórico y el devenir óntico construyendo un Amalgama entre los dos constructos teóricos en los aspectos de la cuestión existencial y el sentido de la vida a partir de las obras de dos estudiosos: Antonio Meneghetti y Viktor Frankl. Este artículo, siendo una investigación teórica, a partir de la investigación empírica citada, realiza, por lo tanto, una discusión sobre el sentido de la vida en la visión de los dos autores arriba citados, en la búsqueda de profundizar la fundamentación teórica sobre esta temática, así como tejer un diálogo entre aspectos de la teoría ontopsicológica y la psicología del sentido de la vida (Logoterapia).

**Palabras clave:** Devenir histórico; De los derechos humanos. Significado de la vida; Antonio Meneghetti; Viktor Frankl.

## 1 INTRODUÇÃO

*“Um homem deve sempre ter, no seu profundo, a referência ao sentido eterno das coisas. Portanto, a sua impositação deve encontrar a cada dia um significado para o valor daquilo que é o verdadeiro total, daquilo que é o sentido da vida”.*

(MENEGHETTI, conferência “A estrutura originária”, 2007).

Este artigo configura-se como uma pesquisa teórica, a partir da pesquisa empírica intitulada “Para engendrar a técnica de personalidade: resultados da Pedagogia Ontopsicológica aplicada na formação pessoal e profissional de jovens no ensino superior universitário” (WAZLAWICK, 2014), realizada no curso de Especialização Lato Sensu Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico, do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF), em 2014, em uma interface científica interdisciplinar entre as áreas de Educação, Pedagogia e Ontopsicologia.

A referida pesquisa, que foi um estudo de caso, empírica e exploratória, de abordagem quantitativa-qualitativa, realizada com 49 jovens estudantes dos cursos de graduação em Administração, Sistemas de Informação e Direito da AMF, no período de 2012-2014, buscou investigar como a Pedagogia Ontopsicológica contribui para a formação pessoal e profissional de jovens no ensino superior universitário, sendo este o seu objetivo geral. Os objetivos específicos foram: a) identificar como os estudantes dos cursos de graduação da IES tendem a ser, como pensam e como se comportam, em aspectos psicológicos (traços de personalidade); b) verificar quais são os resultados da aplicação da Pedagogia Ontopsicológica no desenvolvimento pessoal/existencial e profissional/técnico dos estudantes; c) compreender as diferentes tendências comportamentais, seja no que diz respeito ao campo da excelência ou das limitações desse grupo de estudantes.

Os jovens participantes da pesquisa responderam a três instrumentos quantitativos em dois momentos: ao ingressar nos cursos de graduação no primeiro e segundo trimestres de 2012, e nove meses decorridos do primeiro momento de aplicação dos instrumentos, caracterizando a segunda etapa, em 2013. Os instrumentos utilizados foram: a) Inventário dos Cinco Grande Fatores de Personalidade (Big Five); b) Escala de Existência de Längle; c) Teste Forma Mentis. Foi elaborado/aplicado um questionário qualitativo com questões abertas para colher informações sobre os significados e sentidos dos participantes que obtiveram maior resultado de significância estatística na aplicação dos instrumentos quantitativos. O estudo realizou Análises Estatísticas e Análise de Conteúdo.

Com esta pesquisa identificou-se um novo modo de formação interdisciplinar que é, ao mesmo tempo, acadêmica, profissional e técnica, humana, pessoal/existencial, na universidade contemporânea, uma formação humanista profissional fundamentada na Pedagogia Ontopsicológica. Verificou-se que existem resultados positivos, transformações práticas nos estudantes nos aspectos psicológicos, cognitivo/intelectuais, técnicos, de conhecimento, culturais, sociais e de atitudes empreendedoras para o trabalho.

A Pedagogia Ontopsicológica auxilia no desenvolvimento pessoal e existencial dos estudantes, pois começam a encontrar o significado pessoal na vida e começam a alcançar realização existencial, construindo competências pessoais para a existência. Isto denota que o método ontopsicológico e a pedagogia ontopsicológica são

exatamente isto: compreender o ponto que centra o verdadeiro de si mesmo naquele real que é preciso saber realizar. A formação ontopsicológica interdisciplinar nos cursos de graduação incentiva continuamente o jovem a compreender isto, porém, a tarefa é única e exclusiva de cada um em continuamente manter a coerência e estilo de vida sobre este ponto. Verificou-se que os resultados em âmbito psicológico (pessoal e existencial) constituem e implicam os resultados do desenvolvimento profissional, técnico e social, e vice-versa, em mútua constituição.

As análises estatística/quantitativa e análise de conteúdo/qualitativa, realizadas na pesquisa, mostraram que a dinâmica de desenvolvimento da personalidade durante os três primeiros semestres letivos realmente existe. De acordo com os resultados identificaram-se não só resultados educativos, mas pessoais, no processo inicial de ensino universitário, que permitem ao estudante se desenvolver em diferentes níveis. Assim, a Pedagogia Ontopsicológica auxilia no desenvolvimento sadio pessoal e existencial dos estudantes.

São jovens que começam a resolver o problema de serem pessoas que começam a crescer, agir, serem operativas, atuar e resolver no trabalho, nas relações, na sociedade. Começam, a partir de uma nova perspectiva, a observar, a colher e a selecionar da realidade circunstante aquilo que serve para o crescimento, o melhor para si e a desenvolvê-lo ao máximo: começam a ser aprendizes líderes. Tornam-se e constroem, continuamente, função pessoal, função existencial e função social na tríade de ser, saber & fazer. Começam a realizar autóctise histórica funcional de si mesmos, para estarem à altura das reais competências de si mesmos, com resultados concretos para o contexto social. Assim, a Pedagogia Ontopsicológica aplicada no ensino superior universitário auxilia a centrar a inteligência e a vontade do jovem, tendo por base a responsabilidade.

Verificando que existem resultados educacionais, psicológicos, técnicos, profissionais, acadêmicos, mas acima de tudo, pessoais e existenciais nos jovens investigados, durante nove meses a um ano/um ano e meio de sua formação universitária no ensino superior, decidiu-se estudar teoricamente a relação entre o devir histórico e o devir ôntico construindo um amálgama entre os dois nos aspectos da questão existencial e o sentido da vida a partir das obras de dois estudiosos, a saber: Antonio Meneghetti (fundador e expressão máxima da Ontopsicologia) e Viktor Frankl (médico psiquiatra austríaco, fundador da Logoterapia).

Este artigo realiza, portando, uma discussão sobre o sentido da vida na visão dos dois autores acima citados, na busca de aprofundar a fundamentação teórica sobre esta temática.

## **2 CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E DEVIR HISTÓRICO**

Ao estudarmos a formação integral do jovem e a pedagogia ontopsicológica, seja do ponto de vista pessoal que do ponto de vista profissional, uma categoria fundamental que não pode ficar a parte esta discussão é a questão existencial explicitada em relação ao sentido da vida. Na formação integral do jovem no período de educação/ensino superior, tendo como base a pedagogia e a metodologia ontopsicológica, compreende-se que o jovem realiza um investimento de vida, ao resgatar/compreender seu valor, no sentido de viver para ser um valor da vida, tornando-se um coeficiente de valor, primeiro para si e, depois, em suas relações (MENEGETTI, 2013). Portanto, falamos de questão existencial/sentido da vida, que, ao mesmo tempo se descobre e se constrói ao longo desta formação.

Meneghetti (2013), ao discutir o sentido fundamental da vida, aborda que existe a hipótese psicossocial do devir de um indivíduo histórico e a hipótese da existência em devir ôntico. Ao analisar a hipótese psicossocial do devir de um indivíduo histórico, o autor parte da compreensão de que cada indivíduo ou sujeito é uma realidade no cosmo infinito:

Cada um de nós é um ponto-momento (...), é o início de um evento, de uma variável. Esse ponto se individua e se distingue, especificando-se de todos os outros pontos. Disso resulta um espaço-tempo que sai do contato com essa energia elementar do universo e, sempre baseado nesse ponto-evento – ou seja, nesse corpo constituído de matéria psico-orgânica pensante -, cresce nos anos (MENEGETTI, 2013, p. 20).

Conforme cresce, seja com 4, 10 ou 20 anos de idade, o sujeito compreende que deriva de outros sujeitos: mãe, pai, de uma família. No entanto, mais que isso, cada sujeito foi escolhido pela vida, foi posto pela vida – entendendo vida, aqui, como “o espaço infinito da energia inteligente do universo” (ibid.). Portanto, ambas as hipóteses – psicossocial do devir histórico e da existência em devir ôntico – acontecem ao mesmo tempo, precisam estar conjugadas.

E, acontecendo como um fenômeno sócio-histórico-cultural, o sujeito inicia e edifica a sua constituição em um dado contexto social, sendo produto e produtor deste contexto, em um contínuo processo de objetivação e subjetivação de si mesmo. Envolto à sociedade, a alteridade, a escola, o trabalho, a família, relações, cultura, linguagem, signos, tradições, significados e sentidos, as inúmeras atividades, etc., o sujeito vai se constituindo sujeito.

Este é um processo que acontece ao longo da vida, no qual o sujeito está em constante constituição – pois, na psicologia de abordagem sócio-histórica e histórico-cultural, cuja matriz epistemológica é o materialismo histórico-dialético, falamos da constituição do sujeito como um processo contínuo, inacabado, em constante movimento. A constituição do sujeito, conforme Zanella (2007), é um conceito

...que dá visibilidade ao movimento incessante de vir a ser que caracteriza qualquer pessoa, independentemente de sua idade ou de suas condições de existência, movimento que possibilita a reconfiguração constante de seus processos psicológicos, emoções, vontade, finalmente, de seu modo de ser e das relações que estabelece com outros, com a realidade e consigo mesmo. Ao mesmo tempo, falar do sujeito significa conceber a dupla dimensão do ser humano, por um lado subordinado às determinações da sociedade, circunscrito há um tempo e um lugar específicos, e, por outro lado, fundador de novas possibilidades, tanto para si como para o coletivo. Pessoa (...) que reproduz e que inventa modos de ser (ZANELLA, 2007, p. 486).

Portanto, falar de constituição do sujeito, observando o movimento dialético que existe entre objetividade e subjetividade, é falar de um sujeito que está sempre em relação, e passa a ser também produtor desses movimentos, como uma síntese inacabada, aberta e em constante movimento. Está num processo constante de construir-se, de (re)inventar-se (MAHEIRIE, 2002), onde objetividade e subjetividade se articulam em um movimento que entendemos ao mesmo tempo dialético<sup>2</sup> e dialógico<sup>3</sup>, de forma que uma está sempre permeada pela outra, uma construção em mão dupla.

Zanella (1995), revisitando Marx e Engels na obra *Ideologia Alemã* (2006), salienta que “o homem é histórico, está inserido em um contexto social e é **expressão e**

---

<sup>2</sup> Dialético no sentido de uma dialética aberta e inacabada (MAHEIRIE, 2002).

<sup>3</sup> Dialógico no sentido de que: “...dialógica (uma lógica viva de relações construtivas que envolve ao menos dois elementos em interação), e não uma dialética hegeliana (uma lógica formal de relações destrutivas), dado que seus momentos não são tese-antítese-síntese, mas tese-tese-síntese, o que supõe uma permanente atividade de síntese. Em lugar da superação da antítese pela tese, aparece uma articulação sempre fluida; uma tensão permanente entre as duas” (SOBRAL, 2005, p. 136).

**fundamento**<sup>4</sup> dessa coletividade”. Aí se encontra, mais uma vez, a dimensão dialética para compreender o sujeito em seus próprios movimentos dialéticos.

Nesse viés, o sujeito transita e age em vários cenários onde as múltiplas singularidades se entrecruzam, e “...realiza a sua história e a dos outros, na mesma medida em que é realizado por ela...” (MAHEIRIE, 2002, p. 36). Essa trama é contextualizada e acontece em espaços, tempos e momentos históricos específicos. Os sistemas político-sociais-econômicos, em suas dimensões culturais, simbólicas e ideológicas, em que o sujeito está inserido, determinam e limitam o agir humano, mas é a partir dessas configurações que o sujeito pode engendrar também suas possibilidades, em movimentos de criar, (re)criar, reproduzir, construir, desconstruir e reconstruir a si, suas relações, suas objetivações, e o próprio contexto.

O sujeito, na compreensão de Bakhtin (2003) e também na de Vygotski (1929/2000), é um sujeito que está em contínua relação e se constitui na/pela linguagem e os discursos, em permanente relação/interação entre o eu e o outro discursivos. É um sujeito que dialoga com as diferentes vozes sociais de seus pares. É um sujeito concreto, contextualizado em espaços-tempos sociais-históricos-culturais. É, fundamentalmente, um sujeito “constituído pelas palavras do outro; é visto através dos olhos do outro; realiza-se no outro (...). Trata-se do permanente diálogo entre um ‘eu’ que, por sua vez não é solitário, mas solidário com todos os ‘outros’ que com ele interage; e com todos os demais que ainda estão por vir...” (KESKE, 2004, p. 12-13).

No entanto, neste processo de constituição do sujeito, por mais fundamental e inevitável que seja à existência histórica e social do indivíduo, denota-se e objetiva-se um momento em que a sociedade “entra” totalmente dentro de cada um (MENEGETTI, 2013). A partir daí, quando o sujeito tenta responder à pergunta existencial “quem sou?”, não sabe responder, pois já está estruturado e constituído pela cultura, por meio da língua, da civilização, das regras, das leis e da moral. Por consequência, cada sujeito, neste processo, “procura se adaptar e compreender a si mesmo baseando-se nas estruturas que a sociedade, através da família, introduz dentro da sua vida” (ibid., p. 21).

E assim, na idade de 18/22 anos o sujeito formaliza uma consciência social dentro de si, e passa a ler e compreender a si mesmo unicamente segundo os esquemas e

---

<sup>4</sup> Grifo do autor.

os estereótipos sociais, e “não com evidência radical da própria identidade de natureza <sup>5</sup>” (ibid.). A partir daí, para a grande maioria dos seres humanos as situações de crises, depressão, patologias, inseguranças, angústias, problemáticas, sofrimentos, etc., se tornam uma constante de vida diária.

Tudo isso depende do fato de que o indivíduo não consegue encontrar a própria identidade de natureza, uma vez que sabe procurar exclusivamente usando as regras que a sociedade lhe forneceu, mas não conhece as regras do universo. Nesse ponto, procura alibis, ou seja, programa e organiza a própria existência única com os estereótipos que adquiriu. O resultado de tudo isso é que com 35 anos o sujeito é uma “caixa”, ou seja, um meme ou robô vivente da sociedade que mais ou menos vai adiante e que, quando está mal, justifica-se: “É assim para todos, a vida é uma cruz, somos destinados a morrer, no fundo para mim está melhor que para os outros...”. Portanto, dos 35 anos ao momento em que morre, o sujeito é um adaptado aos estereótipos, é um robô que vive enquanto a fonte da identidade de natureza o mantém. Pode chegar mesmo aos 100 anos, mas como caixa, não como pessoa solar, consciente, criativa (...). Para a maioria, as coisas vão até mesmo pior: doenças, falências, depressão, etc. (MENEGHETTI, 2013, p. 22).

E assim, tantos sujeitos constroem “a própria vida sem o gênio do próprio Em Si ôntico, ou seja, a própria identidade de natureza” (ibid.). Esse sujeito passa a vida toda e chega a morrer sem ter nenhuma relação com “o significado e o escopo profundo da vida em si” (ibid.).

A saída está justamente em saber servir a sociedade enquanto se constrói a própria identidade interior, e, portanto, realizar-se como indivíduo e como ente social (MENEGHETTI, 2013). Meneghetti afirma que “para realizar uma sociedade ótima é preciso ter indivíduos ótimos. O princípio do bem não está na sociedade, mas nos indivíduos, se são sadios, se têm uma consciência ôntica, ou seja, se conhecem o primeiro bem de si mesmos” (ibid., p. 24). Após fazer e viver o próprio bem interior, ao se construir no próprio valor interior, o sujeito pode ser um colaborador e um coeficiente de valor também aos outros. Sendo assim,

Uma vez semeada, a vida quer que cada um se torne a semente que é. Portanto, o primeiro dever é saber amar e desenvolver o verdadeiro de si mesmo, e esse ponto passa através de tantas boas ações. O resto – o amor pelos outros – é consequencial. De fato, é demonstrado que quanto mais um indivíduo se torna nos valores universais do ser – isto é, quanto mais um

---

<sup>5</sup> Identidade: do latim “id quo est ens = o que o ser é aqui, assim e agora. É a forma que especifica em si o objeto ou indivíduo e o distingue de qualquer outro” (MENEGHETTI, 2008, p. 130).



indivíduo é completo – mais a vida o programa em função dos outros: onde a vida torna-se mais, dá mais. Por isso, a radicalidade do amor, em sentido vital, tem o baricentro na plenitude interior (MENEGETTI, 2013, p. 24).

Dessa forma, verificando inicialmente a hipótese psicossocial do devir de um indivíduo histórico, verificamos que somente este aspecto do desenvolvimento humano não basta, pois caso fique circunscrito a este aspecto, o homem se reduz ao esquema da sociedade e não aprende a fórmula da própria vida. Portanto, ao devir histórico é necessário acrescentar a existência em devir ôntico, ou seja, o devir histórico deve acontecer conjuntamente ao devir ôntico – e vice-versa – quando se remete ao desenvolvimento e a autoconstrução de um sujeito humano.

### **3 A EXISTÊNCIA EM DEVIR ÔNTICO E O SENTIDO DA VIDA**

Meneghetti (2013) salienta que realizar a própria existência em devir ôntico ou ontopsicológico é “formalizar uma consciência em uníssono com a identidade de natureza: tornar-se pessoa em conformidade com o projeto da vida, andar junto com o princípio que nos substancia” (p. 25). No processo de devir ôntico, ou podemos especificar no termo “onticidade”, entendemos propriamente “ontopsicológico”: no sentido de colher a lógica do ser na existência, isto é, como o sujeito avança e cresce historicamente segundo a pulsão ôntica primária, de acordo com o projeto-base de natureza que constitui o ser humano (de acordo com o seu Em Si ôntico).

Neste processo, o sujeito:

Enquanto cresce, desenvolve-se, amplia-se, compreende todas as necessidades histórico-sociais do próprio ambiente. Observa-as porque não observá-las significa preparar a morte física: essas regras, estereótipos, línguas, civilizações, códigos legais, tradições, etc., neste momento são inalienáveis, porém, ao mesmo tempo lhe consentem a comunicação, isto é, são os modos através dos quais pode comunicar com outros semelhantes. Mas dentro de si é um constante projeto ôntico transcendente: sabe que pertence à vida, que é um momento da vida, sabe que ele é ser, pertence totalmente ao ser, enquanto vive a plena encarnação na história do próprio ambiente. Sabe sempre que, por um espaço de tempo, é uma fenomenologia que pertence à história do ser no tempo, mas deste ponto é na unidade do universo e, sobretudo, é junto à mente deste universo (MENEGETTI, 2013, p. 26-27).

Esta é a passagem que falta à compreensão de tantas escolas e abordagens em Filosofia e Psicologia, ao longo da história e inclusive atualmente, em relação ao

desenvolvimento e a constituição do sujeito, pois o homem não é apenas biológico, genética, comportamento, química-física, sexo, emoção e sentimento/afetividade, relações sociais, passado, estereótipos, linguagem, fenômeno, etc.

O homem que atua o devir existencial está em constante processo de “autóctise histórica”<sup>6</sup>, isto é, a autoprodução e construção de si mesmo em conformidade ao próprio Em Si ôntico (MENEGHETTI, 2013). A autóctise histórica compreende um processo contínuo de escolhas, pois a vida nos coloca sempre diante de escolhas existenciais, para podermos ir adiante, em frente ao novo e fazer autogeração. Portanto, a “a autóctise histórica é uma autogênese que faz ontogênese, produção de mais ser, realização de valores, ou seja, quânticos de mais ser, de mais vida, de mais prazer” (ibid., p. 36).

Neste ponto relembremos o psiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl<sup>7</sup> (1905-1997) e sua histórica pesquisa e estudo acerca do sentido da vida (significado atribuído àquilo que é de grande valia para o viver). Frankl dizia que o homem deve cumprir com sua orientação ontológica para a realização do sentido da sua singular vida. A vontade de sentido é a chave interpretativa para a visão de homem que este autor apresenta à Psicologia.

Frankl encontra-se descontente com seus primeiros mentores, a saber, Sigmund Freud e Alfred Adler. Segundo ele, a pergunta radical sobre uma orientação última, ou motivação primeira para a vida humana era insuficiente nas formulações teóricas destes autores. Tanto o princípio de prazer de Freud (designado de vontade de prazer) e o status drive de Adler (ou vontade de poder) falhavam na busca de explicação da vida humana, uma vez que redundavam na explicação de funcionamento homeostático da redução de tensões em favor da restauração de um equilíbrio interno (mecanismos

---

<sup>6</sup> Do grego autóctis [autos] = si mesmo e ktízō [ktízo] = fazer, construir (MENEGHETTI, 2013, p. 30).

<sup>7</sup> “Fundador da Logoterapia, escola psicológica de caráter fenomenológico, existencial e humanista, conhecida também como a Psicoterapia do Sentido da Vida ou, ainda, a Terceira Escola Vienense em Psicoterapia” (Pereira, 2007, p. 126). Importante salientar, em relação a Antonio Meneghetti e Viktor Frankl, que: “Meneghetti, nos anos 1960, visita os lugares nos quais os mais insígnios estudiosos da psique de então haviam desenvolvido as próprias pesquisas (...). Começou a estudar os autores estrangeiros, entre os quais os seus preferidos foram Carl Rogers e Viktor Frankl. De Frankl, apreciava a busca do logos da doença, do motivo (...). Então se desloca a Viena onde encontra pessoalmente Viktor Frankl, um dos seus autores preferidos. Assim Meneghetti recorda este encontro: ‘Ele me convidou para colaborar consigo. Mas depois de um tempo que eu compartilhava do seu ambiente, percebi que eu tinha conhecimentos superiores. E verificava isto com o doente. Sempre acreditei que a minha formação teológica e filosófica havia me dado o conhecimento com o princípio primeiro da patologia. Eu tinha familiaridade com os processos da intencionalidade da alma e da vontade” (MENEGHETTI citado por BERNABEI & ZOPPOLATO, 2008, p. 17).

homeostáticos das psicologias). Segundo Frankl, a finalidade maior da vida humana não é a gratificação individual, e ambas as explicações acima descritas ignoravam o fato antropológico fundamental da autotranscendência da existência humana, cuja principal manifestação é a vontade de sentido (PEREIRA, 2007).

Frankl também critica a ideia geral da hierarquia das necessidades formulada por Abraham Maslow. Na visão de Frankl o preenchimento vertical dessas necessidades não é a via de solução do ser humano, quando se procura encontrar o sentido, pois não se trata de ordenar as necessidades em maiores ou menores, mas de identificar qual delas têm sentido, qual é o objetivo por trás de sua realização. Para este autor a classificação de Maslow, em relação às necessidades, “não explica o fato de que, quando as mais baixas não são satisfeitas, uma necessidade mais elevada, o desejo de sentido, pode transformar-se na mais urgente de todas” (FRANKL, 2005, p. 27).

Para direcionarmos a atenção à compreensão da vontade de sentido, em Viktor Frankl, iniciamos com a seguinte formulação:

A autotranscendência assinala o fato antropológico fundamental de que a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não ela mesma – a algo ou a alguém, isto é, a um objetivo a ser alcançado (...). Na verdade, o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa (FRANKL, 1991, p. 18).

A inovação ou a revolução inserida na psicologia por Viktor Frankl reside, propriamente, na questão da vontade de sentido, na existência de uma “razão” do sentido da vida, ou, em outros termos, se formos falar em relação à felicidade, no “ser-se digno” à felicidade, muito mais que a felicidade em si. Pereira (2007), em relação a este esclarecimento, salienta que “quem busca a ‘felicidade’ em si, parece desejá-la de modo absoluto, incondicional e individual, sem que nela esteja implicada uma ideia de ‘razão’ para ser feliz” (p. 128).

É esta “razão” que acarreta o efeito da realização de um sentido, não como algo alcançável por si mesmo. O ser-se “digno” da felicidade é um efeito colateral da realização de sentido que é, sim, o fim em si. Isto significa que é a vontade de sentido que orienta para uma realização de sentido, e que, conseqüentemente, provê uma razão para ser feliz. Desta forma, com uma razão para ser feliz, a felicidade surge automaticamente como efeito colateral. Assim, a “felicidade” em si não é o foco, mas

acontece como efeito da realização de sentido, que, por sua vez, advém da “vontade de sentido”.

Pereira (2007), ao estudar a vontade de sentido na obra de Viktor Frankl, entende que:

Essa busca “direta” de uma felicidade incondicional – que a Logoterapia entende como uma motivação possivelmente patogênica – também deve ser entendida segundo aquilo que Frankl denominou “princípio auto-anulativo” (FRANKL, 1988, p. 33), segundo o qual quanto mais o sujeito se propõe a perseguir uma ideia acabada e auto-suficiente de “bem” – como a felicidade, o prazer ou o sucesso, por exemplo, em detrimento da realização de sentido –, mais esse sujeito se desviará desse intento. “Não se deve buscar a felicidade” é uma máxima da Logoterapia, tendo em vista que, na medida em que houver uma razão para a felicidade, ela decorrerá espontânea e automaticamente (PEREIRA, 2007, p. 129).

A motivação primária do ser humano é a vontade de sentido, entendida como o esforço mais básico do homem para encontrar e realizar sentidos e propósitos. Frankl, desse modo, explica que não é a busca imediata pela felicidade, pelo sucesso e pela realização que garantirão o ser feliz, ter sucesso/ser bem sucedido ou realizado, ao invés, ele inverte o foco em relação a esta discussão. Para Frankl, apenas quando o homem tiver/encontrar a vontade de sentido, a razão para tal, o sentido de sua existência, que a felicidade, o sucesso e/ou a realização ocorrerão em decorrência este processo e destas ações. Ele ainda segue explicando que:

A auto-realização não constitui a busca última do ser humano. Não é sequer sua intenção primária. A auto-realização, se transformada num fim em si mesmo, contradiz o caráter autotranscendente da existência humana. Assim como a felicidade, a auto-realização aparece como efeito, isto é, o efeito da realização de um sentido. Apenas na medida em que o homem preenche um sentido lá fora, no mundo, é que ele realizará a si mesmo. Se ele decide realizar a si mesmo, ao invés de preencher um sentido, a auto-realização perde imediatamente sua razão de ser (FRANKL, 1988, p. 38, citado por PEREIRA, 2007, p. 14).

Assim, poderíamos relacionar o “sentido”, tão caro à obra psicológica de Viktor Frankl, com o “nexo ontológico”, na obra de Antonio Meneghetti, na Ontopsicologia. “O termo ‘nexo’ não significa conexão, como ao invés se entende em todos os vocabulários. A sua primitiva etiologia epistêmica é: como a mente se emana, sai, age” (MENEGETTI, 2009, p. 260), a presença do Ser, na existência, por meio do Em Si ôntico. E aí se relaciona com o fim da Ontopsicologia, a saber, “reportar a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico, para consentir a realização” (MENEGETTI, 2010). Dentro do fim da Ontopsicologia está presente o nexos ontológico, que consente a realização,

isto é, quando a lógica do Eu lógico-histórico coincide com a lógica do Em Si ôntico, é possível a realização humana. O fim da Ontopsicologia não é a realização, mas esta se dá por consequência quando estas duas lógicas forem idênticas. Somente ao se reportar a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico é que se dará a realização. Portanto, é esta a condição ontológica (onticidade) para a realização do sujeito humano.

Novamente citamos Frankl:

O de que o ser humano realmente precisa não é um estado livre de tensões, mas antes a busca e a luta por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente. O de que ele necessita não é a descarga de tensão a qualquer custo, mas antes o desafio de um sentido e potencial à espera de seu cumprimento. O ser humano precisa não de homeostase, mas daquilo que chamo de “noodinâmica”... Ouso dizer que nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que a vida da gente tem um sentido. Há muita sabedoria nas palavras de Nietzsche: “Quem tem um por que viver pode suportar quase qualquer como” (FRANKL, 1990, p. 95-96).

Nas palavras de Frankl, ao tecermos uma relação com o quanto apresentado na visão de Meneghetti, o homem deve cumprir com sua orientação ontológica para a realização de sentido, sendo que com esta postura, está realizando o percurso de tornar significativa a própria vida. O que lhe é necessário, então, é um motivo para ser feliz, muito mais que a felicidade em si mesma, é o sentido da vida. E assim, Frankl complementa:

Não é verdade que o homem, propriamente e originalmente, aspira a ser feliz? Não foi o próprio Kant quem reconheceu tal fato, apenas acrescentando que o homem deve desejar ser digno da felicidade? Diria eu que o homem realmente quer, em derradeira instância, não é a felicidade em si mesma, mas, antes, um motivo para ser feliz (FRANKL, 1990, p. 11).

Porém, este motivo ou sentido, na visão de Frankl, não seria dado como resposta pelo próprio sujeito, mas, ao invés, nasce a partir da interrogação da própria vida a cada sujeito: pois, na verdade, o homem não deve perguntar pelo sentido da existência, mas sentir-se interrogado pela própria existência. A vida lhe faz uma pergunta e ao respondê-la tornar-se-á ser responsável. Frankl (2008) diz:

*...o que a vida espera de nós.* Falando em termos filosóficos, poder-se-ia dizer que se trata de fazer uma revolução copernicana. Não perguntamos mais pelo sentido da vida, mas nos experimentamos a nós mesmos como os indagados, como aqueles aos quais a vida dirige perguntas diariamente e a cada hora – perguntas que precisamos responder, dando a resposta adequada

não através de elucubrações ou discursos, mas apenas através da ação, através da conduta correta. Em última análise, viver não significa outra coisa se não arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento (FRANKL, 2008, p. 101-102).

Uma vez que cada situação na vida constitui um desafio para a pessoa e lhe apresenta um problema para resolver, pode-se, a rigor, inverter a questão pelo sentido da vida. Em última análise, a pessoa não deveria perguntar qual o sentido da sua vida, mas antes deve reconhecer que é ela que está sendo indagada. Em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável (FRANKL, 2008, p. 134).

O sentido da vida será possível a partir da(s) ação(ões) de responder à interrogação, à pergunta (ou perguntas) postas pela própria vida a cada sujeito, por responsável por sua existência que seja. E esta resposta deve ser configurada em ações concretas, atitudes e não em discursos.

Neste ponto, podemos dizer, se unificam mais uma vez as dimensões de ser, saber e fazer, tal como apontado por Meneghetti (2010), uma vez que ao ser e se constituir existência, e saber/conhecer esta própria existência, o homem pode fazer/atuar em percurso histórico, construindo a si mesmo e realizando sua tarefa existencial na história e na sociedade. E, tal como uma relação dialética, quanto mais age/faz, de acordo com a própria identidade (ser), mais conhece/sabe e mais reforça seu próprio núcleo (ser), e por consequência, mais age/faz, em desenvolvimento e crescimento constante, onde cada novo passo e conquista deve aperfeiçoar a anterior. Esta é “a possibilidade de intercâmbio entre fazer, ser e saber, em uma circularidade na qual o uno, facetando-se, propõe sempre a unidade” (MENEGETTI, 2010, p. 107-108), e porque “Eu existo até onde conheço e, onde conheço, Eu sou” (ibid., 2005, p. 213). Fundamental é, então, que a existência em devir histórico realize, prioritariamente, o devir ôntico/existencial.

Fazendo uma relação ainda com o argumento de Viktor Frankl (2008), o autor salienta que não se deve procurar um sentido abstrato da vida. Cada pessoa possui sua própria vocação como própria responsabilidade específica, uma tarefa concreta que está a exigir realização. É exatamente nisso que a pessoa não pode ser substituída, uma vez que é única, exclusiva e singular, como ser e como responsabilidade que possui. Portanto, “a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de levá-la a cabo” (ibid., p. 133), e o ser humano “é o ser que sempre decide o que ele é

(...). É uma criatura responsável e precisa realizar o sentido potencial de sua vida” (ibid., p. 112; 135).

A existência em devir histórico que realiza o devir ôntico/existencial (MENEGHETTI, 2013) deve realizar um sentido (FRANKL, 1989, 1990). Ou seja, na existência humana é importante que a pessoa assuma atitudes que a aproximem da realização daquilo que tem sentido em sua vida, ou melhor, que cada vez mais realize o sentido de sua própria vida – e este pode ser descoberto criando um trabalho ou praticando um ato, o que configura o caminho da realização, segundo o autor. Na visão de Frankl, em relação aos condicionamentos físicos, psicológicos e sociológicos, o homem pode sempre se posicionar. Uma vez que é um ser histórico – e isto significa determinado por condições sociológicas, biológicas e psicológicas, que acontece em um contexto de coordenadas de espaço e tempo – o homem, ainda assim, é livre para buscar o sentido de sua vida. Assim, todo ser humano tem a vontade de buscar um sentido para a vida, e esta vontade é precisamente a principal força motivadora da pessoa.

Explica Frankl, em relação a este ponto que:

Quando a pessoa encontra o sentido de sua vida, encontra aquilo que pode fazer e que exprime sua unicidade, a sua missão diante da vida. E, ao desempenhar no cotidiano aquilo que é seu sentido, realiza-se plenamente como ser humano, atuando com suas possibilidades mais peculiares. A realização pessoal vem como consequência de se atingir o sentido (FRANKL, 1989, p. 58).

E vai mais adiante, ao dizer que, a pergunta sobre o sentido da vida deve ser feita de forma concreta, contextualizada, de acordo com a situação da pessoa em seu momento atual, onde ela está e como se encontra. Frankl diz que é a vida que interroga ao ser humano sobre o sentido de sua vida, e não o contrário. Este é um processo de ação, no qual a pessoa conhece a si mesma na medida em que vai cumprindo as suas tarefas cotidianas e que vive o que tem sentido em cada situação. O autor ainda diz que “a vida ter sentido, significa, na vida ter tarefas a cumprir” (FRANKL, 1990, p. 70).

Por isso, ao jovem é fundamental a prática, as experiências concretas a realizar e vivenciar, o trabalho e o estudo, uma vez que é por meio da ação, do fazer, da atividade, que vai entrando em contato com suas capacidades, habilidades, competências, e, ao mesmo tempo, construindo-as e desenvolvendo-as. E, questionando e respondendo as perguntas que sua própria vida lhe faz – vivenciando, então, um sentido à vida. Assim, o

sentido precisa ser encontrado, descoberto (FRANKL, 1989), de modo que, na existência, cada pessoa constrói ativamente o significado de sua vida.

Sendo assim, o ser humano, em última análise, determina a si mesmo. Aquilo que ele se torna – dentro dos limites de suas capacidades e potencialidades, e do contexto no qual se encontra e se constrói – é ele que faz de si mesmo (FRANKL, 2006). No viés da Ontopsicologia, cada pessoa configura sua existência, a partir de um projeto de natureza ínsito, porém, que deve ser atuado na história. Desta forma, o caminho se faz ao caminhar. E como pontuam Silveira e Mahfoud (2008), fundamentados em Frankl, “é necessário encontrar um sentido para a vida, um sentido que faça valer a pena viver, um sentido que motive a pessoa a levantar-se de manhã e encarar o novo dia, com seus desafios” (p. 574). Mas este sentido só pode ser descoberto pela própria pessoa e por mais ninguém, pois, cada um é responsável por descobrir o sentido de sua vida. Um sentido que se traduz em criatividade, aprendizado, superação, crescimento. É necessário dizer e viver um grande sim à vida – à única e própria vida!

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERNABEI, P.; ZOPPOLATO, A. **Dossiê Antonio Meneghetti**: uma viagem de sucesso. Revista Nova Ontopsicologia – 35 anos, n. 2-2007/1-2008, ano XXV, de março de 2008. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.

FRANKL, V. **Psicoterapia e sentido da vida**. São Paulo: Quadrante, 1989. (Originalmente publicado em 1946).

FRANKL, V. **Psicoterapia para todos. Petrópolis: Vozes**, 1990.

FRANKL, V. **A psicoterapia na prática. Campinas: Papyrus**, 1991.

FRANKL, V. **Um sentido para a vida**. Aparecida: Idéias e Letras, 2005.

FRANKL, V. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2006.

FRANKL, V. **Em busca de sentido**. Um psicólogo no campo de concentração. 33. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.



KESKE, H. I. **Dos sujeitos enunciadore e seus contextos dialógicos:** Bakhtin e seu outro. Trabalho apresentado no IV Encontro de Pesquisa da Intercom – XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre, disponível na internet, 2004.

MAHEIRIE, K. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Revista Interações*, São Paulo, v. VII, n.13, p. 31-44, jan./jun., 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã. Teses sobre Feuerbach.** 9. ed. São Paulo: Centauro, 2006. (Publicado originalmente em 1846).

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica.** 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2005.

MENEGHETTI, A. **A Estrutura Originária.** Conferência realizada na sede da FOIL Brasil, em São Paulo, data: 14 de março de 2007. Não publicada.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia.** 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2008.

MENEGHETTI, A. **Dalla coscienza all'Essere.** Come impostare la filosofia del futuro. Roma: Psicologica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia.** 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2010.

MENEGHETTI, A. **Os jovens e a ética ôntica. Recanto Maestro:** Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

PEREIRA, I. S. A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, v. 18, n. 1, p. 125-136, 2007.

SILVEIRA, D. R.; MAHFOUD, M. **Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência.** *Estudos de Psicologia*, 25(4), p. 567-576, 2008.

SOBRAL, A. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin. Conceitos-chave.* 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 123-150.

VYGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade.* Trad. brasileira do russo. Campinas: Cedes, 71, 2000. p. 21-45. (Originalmente publicado em 1929).

ZANELLA, A. V. “A Ideologia Alemã”. *Resgatando os pressupostos epistemológicos da abordagem Histórico-Cultural.* *Psico*, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 187-194, 1995.

ZANELLA, A. V. Educación estética y actividad creativa: herramientas para el desarrollo humano. *Universidade Psychology Bogotá (Colômbia)*, 6 (3), p. 483-492, 2007.

WAZLAWICK, P. **Para engendrar a Técnica de Personalidade:** Resultados da Pedagogia Ontopsicológica aplicada na formação pessoal e profissional de jovens no ensino superior universitário. 135f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Especialização Lato Sensu em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico. Programa de Pós-Graduação, Faculdade Antonio Meneghetti, Recanto Maestro, Restinga Seca-RS, 2014.